

Sociedade médica norte-americana revisa os sintomas associados às principais doenças cardiovasculares, que estão em primeiro lugar no ranking mundial de mortalidade. Manifestações costumam ser diferentes entre homens e mulheres

É preciso ouvir o coração

» PALOMA OLIVETO

As doenças cardiovasculares (DCVs) são a principal causa de morte do mundo e compreender os sintomas tem importantes implicações para o tratamento, a qualidade de vida e a longevidade das pessoas afetadas. Embora alguns sinais, como dor no peito, batimentos acelerados e paralisia facial, sejam fáceis de reconhecer, a Associação Norte-Americana do Coração (AHA) alerta que muitas outras manifestações podem estar associadas. Além disso, mulheres e homens costumam experimentar sensações diferentes. Em um artigo publicado ontem na revista *Circulation*, a sociedade médica revisou pesquisas atuais sobre as seis DCVs mais incidentes, para que pacientes e médicos tenham um quadro mais preciso desses males.

“Algumas pessoas podem não considerar sintomas como fadiga, distúrbios do sono, ganho de peso e depressão como importantes ou relacionados a doenças cardiovasculares”, alega, em nota, a presidente do comitê de redação da declaração científica da AHA, Corrine Y. Jurgens. “No entanto, pesquisas indicam que sintomas sutis como esses podem prever eventos agudos e a necessidade de hospitalização”, esclarece. Na revisão científica, foram incluídas as manifestações clínicas de ataque cardíaco, insuficiência cardíaca, doença valvular, acidente vascular cerebral, arritmias e doença arterial e venosa periférica (veja quadro).

No artigo, os médicos destacam como os sintomas se manifestam ao longo do tempo, que pode ser meses ou anos, dependendo da condição. Uma das observações do grupo é que, além de variar no decorrer da doença, os sinais também são diversos de acordo com o sexo. Isso é verdadeiro nas seis DCVs descritas no artigo.

Por exemplo, no caso de infarto, quando o fluxo sanguíneo para o coração é interrompido subitamente, homens costumam relatar, mais frequentemente, uma forte pressão no peito, com irradiação da dor para mandíbula, ombro, braço ou parte superior das costas. Mulheres também experimentam essas sensações, mas, no caso delas, a dor é reportada como mais aguda ou intensa. Pessoas do sexo feminino também têm mais propensão a apresentar um número maior de sintomas associados, como náusea e palpitações.

Insuficiência

Na insuficiência cardíaca, os estudos recentes também demonstram uma discrepância entre sintomas vivenciados por homens e mulheres. Elas relatam uma variedade maior de sinais, são mais propensas a ter depressão e ansiedade e reportam uma qualidade de vida inferior, em comparação aos pacientes do sexo masculino. Assim como no infarto, náuseas, palpitações e alterações digestivas, além de níveis mais intensos de dor (em

Getty Images



Aperto no peito, com dor irradiando para outras partes do corpo, é um relato comum no infarto: elas experimentam outras sensações

Três perguntas /

ANTÔNIO CARLOS PEREIRA BARRETTO, MÉDICO DO SERVIÇO DE PREVENÇÃO E REABILITAÇÃO NO INCOR DE SP

Para os pacientes, qual a importância da atualização de sintomas publicada pela Associação Norte-Americana do Coração (AHA)?

A coisa mais importante é conversar com o paciente e conhecer a história dele. Interpretar corretamente os sintomas é fundamental para o diagnóstico e para a orientação. Agora, ter um artigo destacando os principais é sempre relevante, porque leva os médicos a formularem as perguntas e faz com que os pacientes fiquem mais interessados em identificar e passar os sintomas para eles.

O documento da Associação Norte-Americana do Coração enfatiza a importância do

monitoramento pós-derrame. Como isso é feito?

O AVC é bastante limitante, a pessoa perde movimento, perde memória... Então, é muito importante que a pessoa faça o diagnóstico, para tentar prevenir o derrame, mas quem já teve está sujeito a ter um novo; daí a importância do monitoramento pós ocorrência. Como a lesão está lá, presente, o paciente corre o risco de ter um novo AVC. Temos de valorizar muito os sintomas que os pacientes relatam depois de um derrame, para tentar iniciar um tratamento mais precoce e mudar o desfecho. A AHA chama muito a atenção para a depressão que surge pós-derrame, então, mais uma vez, é

preciso monitorar os pacientes e tratá-los, para que tenham uma qualidade de vida melhor.

A insuficiência cardíaca é a primeira causa de internação hospitalar em pessoas acima de 60 anos. Os sintomas dessa condição são fáceis de serem identificados precocemente?

É importante lembrar que, na insuficiência cardíaca, o diagnóstico é feito fundamentalmente baseado nos sintomas. Então é muito importante valorizar os sinais, como cansaço, falta de ar, dispnéia (falta de ar ao deitar). A intensidade dos sintomas também mostra a intensidade da doença. É interessante que o artigo chama atenção para o fato,

Arquivo pessoal



também, de que a pessoa pode ter a doença, ela ser grave e ser assintomática. A grande mensagem que a gente pode tirar daí é que, na dúvida, não deixe de fazer uma consulta com o médico. (PO)

Sinais de alerta

• **Ataque cardíaco:** dor no peito (como pressão ou desconforto) que pode irradiar para mandíbula, ombro, braço ou parte superior das costas. Falta de ar, sudorese ou suor frio; fadiga incomum, náusea e tontura podem ocorrer também. Mulheres são mais propensas do que os homens a relatar mais sintomas além da dor no peito.

• **Insuficiência cardíaca:** falta de ar é o sintoma clássico. Mas há sinais precoces e mais sutis que devem ser informados ao médico, como dor de estômago, náuseas, vômitos e perda de apetite; fadiga; intolerância ao exercício físico, insônia; dor (no peito e outras), distúrbios do humor (principalmente depressão e ansiedade), e disfunção cognitiva (névoa cerebral, problemas de memória). Mulheres declaram uma maior variedade de sintomas, são mais propensas a ter depressão e ansiedade e relatam uma qualidade de vida inferior em comparação com homens.

• **Doença da válvula cardíaca:** em casos leves, pode ser assintomática por anos e, progressivamente, surgirem mais sintomas semelhantes aos associados à insuficiência cardíaca. Mulheres com estenose aórtica, que ocorre quando a válvula aórtica se estreita e restringe o fluxo sanguíneo do coração, mencionam mais frequentemente falta de ar, intolerância ao exercício e fragilidade física do que os homens.

• **Acidente vascular cerebral:** paralisia e/ou fraqueza na face, dificuldade para falar, tontura, perda de coordenação ou equilíbrio e alterações visuais. As mulheres são mais propensas do que os homens a ter outros sintomas menos familiares, como dor de cabeça, estado mental alterado, coma ou estupor.

• **Arritmias:** sensação de batimentos cardíacos anormais ou palpitações que podem ser irregulares, rápidas, agitadas ou interrompidas. Outros sintomas incluem fadiga, falta de ar e tontura. Mulheres e adultos são mais propensos a sentir palpitações, enquanto os homens costumam ser assintomáticos.

• **Doença arterial periférica:** pessoas com a enfermidade podem não apresentar sintomas ou desenvolver o sinal clássico de claudicação, que é a dor em um ou ambos os músculos da panturrilha durante a caminhada. Dor em outras partes das pernas e nos pés e nos dedos dos pés são os sintomas mais comuns, em vez da dor na panturrilha.

Fonte: Associação Norte-Americana do Coração

NEURODESENVOLVIMENTO

Mais genes associados ao autismo

Um novo estudo, publicado na revista *Nature Genetics*, descobriu mais de 70 genes que estão fortemente associados ao autismo, além de 250 componentes do DNA com fortes ligações com a condição. A análise é a maior do tipo até agora e inclui mais de 150 mil participantes, 20 mil dos quais diagnosticados com o transtorno do

espectro autista (TEA).

Segundo os pesquisadores, os resultados oferecem uma visão mais abrangente, ainda, sobre diversas formas de variação genética no TEA e em condições de desenvolvimento neurológico mais amplamente definidas. “Os insights lançam luz sobre as raízes moleculares do desenvolvimento cerebral e

da neurodiversidade e fornecem novos caminhos para futuras pesquisas sobre a biologia do autismo”, escreveram os autores, liderados pelo Hospital Monte Sinai, nos Estados Unidos.

“Sabemos que muitos genes, quando mutados, contribuem para o autismo e, nesse estudo sem precedentes, conseguimos

reunir vários tipos de mutações em uma ampla variedade de amostras para obter uma noção muito mais rica dos genes e da arquitetura genética envolvida no autismo”, disse o coautor sênior Joseph D. Buxbaum, do Monte Sinai. “Isso é significativo, pois agora temos mais insights sobre a biologia das alterações cerebrais subjacentes ao

autismo e mais alvos potenciais para tratamento.”

Entre as descobertas, está a de que genes ligados predominantemente ao atraso no desenvolvimento tendem a ser ativos no início da formação dos neurônios, enquanto aqueles relacionados ao autismo tendem a desempenhar um papel em células mais maduras. Além disso, em uma análise de mais de 20 mil amostras de indivíduos com esquizofrenia, os pesquisadores constataram que os componentes do

DNA fortemente associados ao TEA também podiam aumentar o risco da doença psiquiátrica.

“Essas análises indicam que existem fatores de risco genéticos compartilhados entre o autismo e outros distúrbios neurológicos e psiquiátricos”, disse Buxbaum. “Quanto mais pudermos avançar na terapêutica, com base nos alvos identificados nessas descobertas genéticas, mais pessoas teremos o potencial de ajudar”, conclui o coautor do estudo.